

A COBRA ESTÁ FUMANDO! (x)

Gen (Res) JONAS CORREIA

De agosto de 1943 quando se iniciou a organização da Fôrça Expedicionária Brasileira, cuja sigla F.E.B. traduz tanta admiração nacional pela conduta dos nossos soldados, — até fins de 1945, quando regressaram os seus últimos escalões, recebidos, como os outros, com provas de carinho e respeito, por parte do povo carioca, — o Brasil inteiro teve suas atenções voltadas para a guerra na Europa, onde se empenhavam os nossos *pracinhas*. Existe, traduzindo interêsses, preocupações e anseios, uma literatura informativa, documentária e de crônicas, sôbre as ocorrências e as pessoas que estiveram na Campanha da Itália. E muitas anedotas se registraram, muitas historietas se inventaram, umas interessantes e agradáveis, outras dolorosas e tristes. A página de Joel Silveira (109) em tôrno do Sargento Wolf, que êle viu morrer, é comovente. A crônica que a Tenente Enfermeira Elza Cansação Medeiros (110) escreveu sôbre os aviadores do 1º Grupo de Caça, é vivaz e encantadora. Enterneçemo-nos até as lágrimas, quando lemos os palpitantes e modelares relatos que o General Professor Ismaelino de Castro (111) teceu, a respeito de sucessos e soldados da F.E.B. E que dizer daquelas reportagens irradiadas pela British Broadcasting Corporation (B.B.C.), de Londres, (112) em que se apresentou a alma do Brasil, inteira e pujante, na alma coletiva dos seus *pracinhas*, que não conheciam nada mais belo do que o sentimento do soldado, longe da Pátria?!

Pois bem. De tudo, o resumo está na divisa imortal *da cobra que fuma*.

E não deixa de ter razão o Coronel Elber de Melo Henriques, (113) um dos componentes da F.E.B., ao escrever que foi de má inspiração a cobra, para simbolizar a nossa atuante fôrça militar, na Itália: tanta invençione se derramou, desprimorosa, com a intenção de apresentar o Brasil como o paraíso das serpentes...

Seja lá como fôr, veneremos o distintivo da F.E.B.: êle, que tanto foi honrado e coberto de glórias por tôda a nossa legião expedicionária! E a tal ponto que o Governo brasileiro o oficializou.

(*) N.R. — Publicamos, em primeira mão, êste trabalho de autoria do General-Professor Jonas Correia, tendo em vista que representa uma importante resenha do que se tem dito e escrito a respeito e em tôrno da imortal legenda — *A cobra está fumando!* A seleção cuidadosa das pesquisas do nosso antigo e ilustre colaborador se encerra com uma comunicação do Marechal Mascarenhas de Moraes, inclito Comandante da F.E.B. A Biblioteca do Exército deverá editar, em breve, a conferência do General Jonas, da qual consta êste estudo — *“Linguajar e anedotário militar, no Rio de Janeiro”*, do ciclo comemorativo do 4º Centenário da Fundação do Rio de Janeiro.

Mas — por que a cobra está fumando? qual a razão de se haver escolhido esta divisa, inscrita no distintivo?

Estória? caso folclórico? imaginação?

Conhecemos algumas versões:

A) Um comandante de unidade, no Rio de Janeiro, quando chegava *esquentado* ao quartel, trazia o charuto fumegando nervosamente entre os lábios. E a soldadesca arisca e cautelosa: “a cobra está fumando...” (114).

B) Frase aparecida durante a guerra de 1939. Um soldado estava fumando, quando se aproximou um oficial. Atirou o cigarro ao chão, pisando-o. Contudo, fumegou, denunciadoramente. E o superior indagou da razão da fumaça. Respondeu o praça: *a cobra está fumando* (115).

C) Raul Pederneiras, (116) no seu admirável livro “Geringonça carioca”, nos transmite o seguinte. “A cobra está fumando: expressão vulgarizada por nossos *pracinhas*, em luta na Itália. Vários expedicionários cariocas, interrogados, assim explicaram a frase: as metralhadoras funcionam com uma faixa, em que os projetis se prendem, em fila. A faixa extensa vai distribuindo as balas, rápido, serpenteando por força do mecanismo, como as ondulações de um officio. Os disparos seguidos da arma dão a entender que a faixa ou cobra está a dar baforadas, como qualquer fumante. Nossos aviadores usavam a expressão “*senta a pua*”. Tanto uma como outra serviram de distintivo característico.”

D) O distinto Sr. João dos Santos Vaz, Vice-Presidente do Clube dos Veteranos da Campanha na Itália, em conferência recente, que *A Defesa Nacional* publicou. (117) nos revelou uma versão muito plausível, da origem do lema “*a cobra está fumando*”, por isso mesmo que procede dos profundos arcanos, onde o sentimento popular costuma surpreender e colhêr os elementos de sua afirmação. No caso, a F.E.B. estava sendo surda e sub-repticiamente combatida e boicotada pelos quinta-colunas de todos os matizes.

Assim se expressou o *febiano* João dos Santos Vaz: “De tal modo procuraram desacreditar, os *quinta-colunas*, a necessidade da organização do Corpo Expedicionário, que, com desfaçatez e parodiando *slogan* que determinada casa comercial de loterias usava na época (“É mais fácil um burro voar que *A Esquina da Sorte* falhar”), diziam: *É mais fácil uma cobra fumar que a Fôrça Expedicionária ter sucesso.*” “Mesmo assim, com tôdas as dificuldades que se apresentaram, foi organizado o agrupamento de brasileiros que, em terras estranhas, defenderia o nome de nossa Pátria; que tinha por missão principal mostrar ao mundo o valor do Brasil, como maior país da América.” “As dificuldades se apresentaram de tal ordem, que iam desde o aparelhamento bélico propriamente dito, até a simples questão de uniformes.” “Em julho de 1944, partia, depois de muitas marchas e contramarchas, para o *front*, o primeiro escalão da F.E.B.”

E concluiu, setencioso e empolgante:

“Assim, meus senhores, àquele desprimoroso conceito emitido pelos quinta-colunas de nossa pátria, respondemos — A COBRA FUMOU! Com isso, mostramos o valor da raça brasileira; e o mundo, forçado foi a reconhecer no soldado brasileiro, em face das inúmeras dificuldades por que passou, o *melhor soldado do mundo.*”

E) A atuação efetiva do Brasil na última grande guerra, começou em meados de 1943, e se acentuou da segunda metade de 1944 até fins de 1945, na frente de batalha da Itália, de onde os nossos pracinhas retornaram vitoriosos.

Um dos oficiais integrantes da F.E.B. foi o nosso distinto amigo General-de-Divisão R/1 Pára-quedista Augusto Scherer Ferreira de Abreu, que era, então Capitão Adjunto, (S-3, depois S-4), da Infantaria Divisionária Expedicionária, e, por último, Oficial de Ligação da I D.Ex.1 com o Esquadrão de Cavalaria de Reconhecimento Mecanizado, na Ofensiva da Primavera.

Eis a sua comunicação a respeito do assunto, a qual nos foi transmitida em carta pessoal:

“É comum, no interior de alguns estados do Brasil, dizer-se *a cobra está fumando*, para qualquer situação em que ânimos exaltados possam desentender-se. Já num quartel, quando um Comandante, em seu gabinete, repreende soldados faltosos disciplinarmente, — os que, do lado de fora, ouvem as advertências ou censuras, manifestam-se cautelosamente, através da expressão *a cobra está fumando...*”

Surgiu daí, da interpretação dessas circunstâncias, por certo e comparativamente às situações progressivas de perigo, na guerra plena, a idéia e adoção de *a cobra está fumando*, para o distintivo da F.E.B.”

F) O Coronel Antorildo Silveira, que seguiu como Capitão do 6º Regimento de Infantaria, oferece uma versão, sem dúvida ponderável, em face da exclamação que ouviu aos soldados, quando o transporte se aproximava de Nápoles, e eles vislumbraram uma fumaça muito alva, subindo aos céus, enquanto o Vesúvio descansava... Então, vozearam: “A cobra tá fumando!...”

Diz o Coronel Antorildo haver ouvido “pela primeira vez, essa expressão, nas grandes manobras do Vale do Paraíba, em mil novecentos e quarenta. Os soldados que viajavam nos últimos carros da composição da Central, quando viram o rôlo de fumo que se desprendia da chaminé da máquina, marcando o éter com uma faixa branca, gasosa, aliado ao serpentear contínuo da composição, nas inúmeras curvas do leito da ferrovia, dando a impressão de um ofício que se deleitava com algum cigarro ou charuto, exclamaram espontaneamente: “A cobra está fumando!...” (118)



Diante dessas atraentes e aceitáveis versões, e para oferecermos segura interpretação aos que nos ouvem, ou vierem a ler, dirigimo-nos ao Marechal Mascarenhas de Moraes, o imortal Comandante da F.E.B., solicitando-lhe que nos provesse da real, ou aceita como real origem dos dizeres do emblema febiano. Sua excelência encarregou o seu assistente-secretário, Major José Miguel, de valer-nos na nossa curiosidade, aponto o seu prestigioso *de acôrdo* à nota que nos enviou o seu prestimoso auxiliar. Damos um resumo dela.

A expressão *A cobra está fumando* não tem autor determinado; é popular, surgida espontâneamente no Brasil e passando a ser muito empregada antes e durante à Campanha da Itália, sempre significando algo grave que estava ocorrendo.

A tropa nossa aliada nos campos de batalha passou a referir-se a — *the snake is smoking*, que era a cobra verde, num fundo amarelo, fumando cachimbo.

Quanto à origem pròpriamente dita dos dizeres, existem várias versões, tôdas anedóticas ou chistosas. Transcrevendo, talvez intencionalmente, a que foi oferecida pelo Coronel Antorildo Silveira, quer-nos parecer que essa é a merecedora de preferência e de adoção.

“O que se pode concluir — finaliza o comunicado de 15 de junho de 1965 — é que a frase era conhecida e empregada por tôda a tropa expedicionária — soldados, graduados e oficiais —, motivo pelo qual determinou o Chefe expedicionário que nela se inspirasse o já agora histórico distintivo da Fôrça Expedicionária Brasileira.”

NOTAS — II, 28

- 109) Joel Silveira, “Histórias de pracinhas”, 2ª ed. Cia Editôra Leitura. Rio 1945, págs. 154/6.
- 110) Elza Cansação Medeiros, “Nas barbas do Tedesco”, Bib. do Exército, Rio 1955, págs. 225/230, 237/246, 247/251.
- 111) General-Professor Ismaelino de Castro, “Gôtas de Glória”, Imprensa Militar, Rio. 1950; edição em inglês, tradução do General-Professor Jorge Duarte, “Drops of Glory”, Oficinas Gráficas da D.S.G., Ministério da Guerra, Brasil, 1955.
- 112) “Scatolettas da Itália”, seleção de reportagens dos Correspondentes de Guerra Brasileiros, na Itália, irradiadas pela B.B.C. — Compilada por Francis Hallawell. — Publicação da British Broadcasting Corporation, Londres. 1946.
- 113) Major Elber de Mello Henriques, “A F.E.B. doze anos depois”, Biblioteca do Exército Editôra, Rio, 1959, p. 194.
- 114) Idem, idem, p. 195.
- 115) Antenor Nascentes, “A Gíria Brasileira”, Livraria Acadêmica, Rio, 1953.
- 116) Raul Pederneiras, “Geringonça Carioca”, 2ª edição, F. Briguiet & Cia, Livres, Editôres. Rio, 1946.
- 117) João dos Santos Vaz, conferência, in “A Defesa Nacional”, Ministério da Guerra, maio-junho de 1965, n. 601, págs. 85/91. João dos Santos Vaz é o Secretário-Geral da Caixa Econômica Federal do Rio de Janeiro (1967), e a conferência em aprêço foi pronunciada no Rotary Clube da Tijuca, e editada em julho de 1964, pelo Clube dos Veteranos da Campanha na Itália.
- 118) Capitão Antorildo Silveira, “O 6º RI Expedicionário”, Bib. Militar, Rio, 1947, p. 29.